RELATÓRIO GERENCIAL **JUL | 2025**

SNID11

SUNO INFRA DEBÊNTURES FI EM COTAS DE FUNDOS INCENTIVADOS DE INVESTIMENTO EM INFRA RENDA FIXA CP

CNPJ

48.969.881/0001-80

INÍCIO DO FUNDO

DEZEMBRO/2022

ADMINISTRADOR

BTG PACTUAL SERVIÇOS FINANCEIROS S.A. DTVM

PÚBLICO-ALVO

INVESTIDORES EM GERAL

GESTOR

SUNO GESTORA DE RECURSOS LTDA

TAXA DE ADMINISTRAÇÃO

0,10% A.A.

TAXA DE GESTÃO

0,85% A.A

TAXA DE PERFORMANCE

N/A

SUNO INFRA DEBÊNTURES FI EM COTAS DE FUNDOS INCENTIVADOS DE INVESTIMENTO EM INFRA RENDA FIXA CP

O Suno Infra (SNID11) é um Fi-Infra, um produto de renda variável que investe em ativos de renda fixa (debêntures), em sua maioria debentures incentivadas (títulos de renda fixa emitidos por empresas que realizam projetos de infraestrutura). Tais debentures assim como os fundos são regidas pela lei 12.431/11, que garante a ambos a isenção total de imposto, ou seja, isenção tanto nos rendimento quanto no ganho de capital. Apesar dos ativos que o SNID possui não serem todos indexados ao CDI, a gestão utiliza derivativos de forma a realizar o swap de indexador, passando a indexar as debêntures em carteira ao CDI, oferecendo um produto com menor volatilidade patrimonial e maior previsibilidade de rendimentos.

SUMÁRIO

INDICADORES 3

DESTAQUES DO PERÍODO 3

CARTA DO GESTOR 4

CENÁRIO MACROECONÔMICO 6

PERFORMANCE/DESEMPENHO 17

GUIDANCE 22

CARTEIRA 23

ALOCAÇÕES 26

DETALHAMENTO DOS PRINCIPAIS ATIVOS 29

INDICADORES

R$ 0,12 Distribuição por cota	13,10% *Dividend Yield* (12 meses)*	15,39% *Dividend Yield* Anualizado
R$ 10,25 Cota Patrimonial*	R$ 10,10 Cota Fechamento de Mercado*	0,99 P/VP*
R$ 73,80 mi Patrimônio Líquido*	R$ 103 mil Volume diário médio (julho)	8.854 Número de cotistas*
CDI + 2,11% Carrego do fundo	4,8 anos Duration da carteira	7.203.840 Número de cotas

DESTAQUES DO PERÍODO

No mês de julho, realizamos uma **venda parcial da posição de TESC (CJEN13) no volume de R$ 1,0 mi**, visando capturar ganhos no mercado secundário, em linha com a maturação da tese de investimentos, e abrindo espaço na carteira para melhores oportunidades de alocação.

Em agosto, o fundo distribuiu **R$ 0,12** de rendimentos, **mantendo o nível de distribuição em relação ao mês passado**. Esse patamar de distribuição é considerado saudável, especialmente diante do atual patamar da Taxa Selic, que fechou o período em 15,00%.

A distribuição **119,3% do CDI** do período, considerando o gross-up**.

Mercado de crédito: o 2° semestre de 2025 registrou uma captação recorde, totalizando R$ 74,54 bi, isso é um crescimento de 15,7% em relação ao 1° semestre de 2024. O mercado secundário também seguiu aquecido, registrando um volume de R$ 35,3 bi,

*Fechamento 31/07
**Gross-up: é a inserção da alíquota de imposto (IR) em produtos que oferecem isenção tributária, usado para demonstrar qual teria que ser o retorno necessário de produto não isento para se igualar a rentabilidade de um produto isento. A alíquota de IR varia de 22,5% a 15%, conforme o tempo investido no produto.

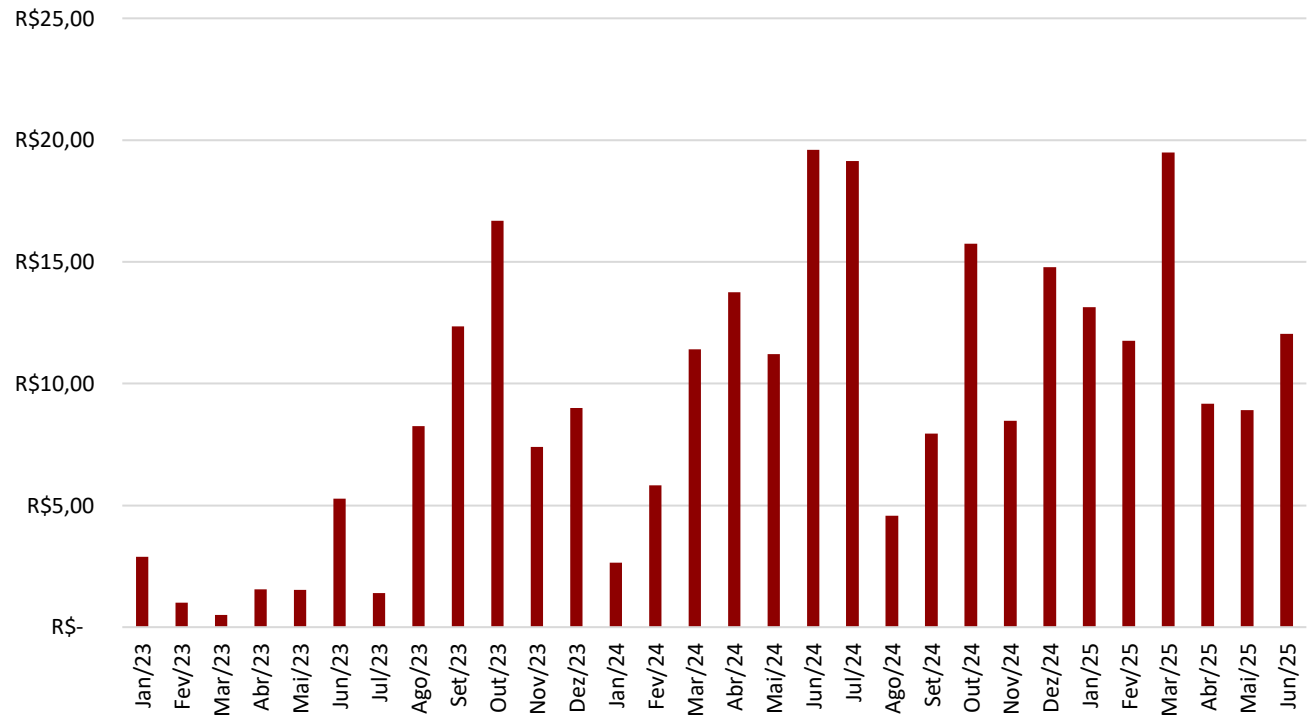
CARTA DO GESTOR

A taxa Selic fechou o mês de julho em 15,00%, com expectativas de mercado indicando a manutenção da taxa até o final do ano de 2025 e possibilidades de cortes no 1° semestre de 2026. A manutenção da Selic no atual patamar sinaliza o compromisso de cumprimento da meta de inflação, mesmo que na banda superior da meta.

Mercado de Crédito

No mês de julho, o mercado tem ganhado tração nas emissões primárias, após a MP de tributação dos produtos isentos, dentre eles as debêntures incentivadas. Isso se deve a uma tentativa de antecipação de captação de financiamentos que ainda podem ser emitidos com isenção por parte das empresas e busca por produtos isentos para se posicionarem por parte dos investidores. Segundo o projeto da MP 1.285/25, os estoques de isentos emitidos até o final de 2025 tenderiam a manter a isenção. Esse fator tem contribuído para a retomada das emissões no mês de junho, como o ilustrado no gráfico abaixo, e este nível de emissões devem continuar para o 2° semestre do ano.

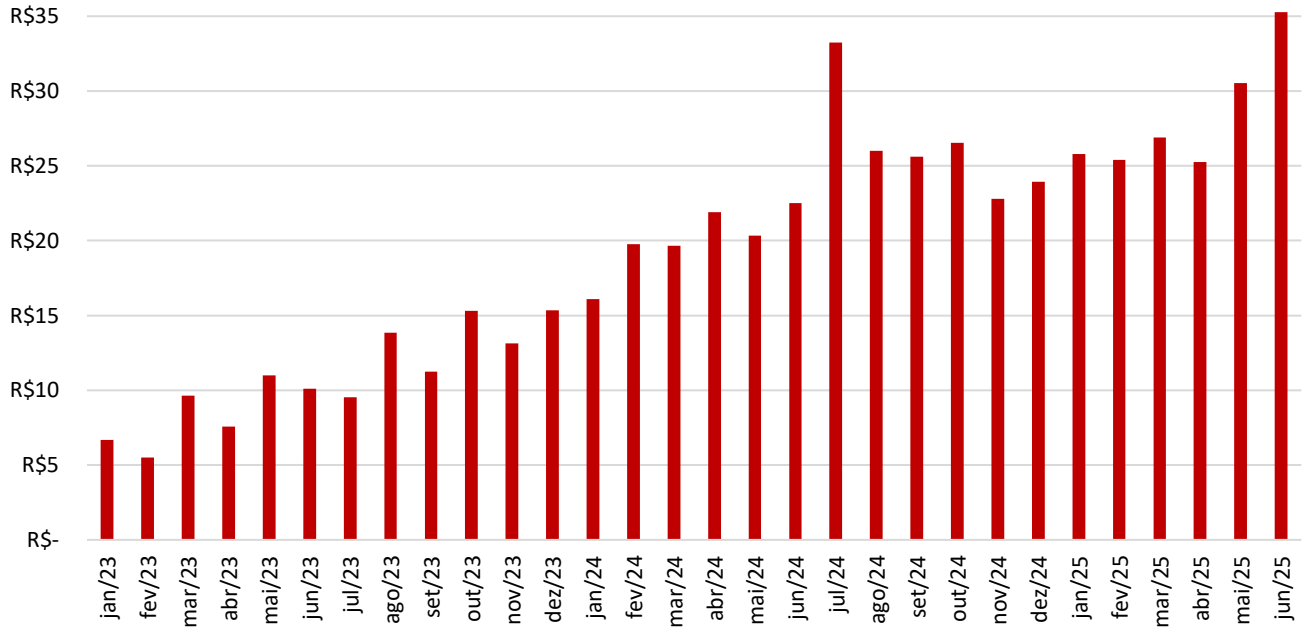
Volume emitido de debêntures incentivadas



Fonte: Anbima / Elaboração: Suno Asset

Além disso, foram divulgados os dados de emissões referentes ao 1° semestre de 2025, e como temos acompanhado, houve uma captação recorde para o período, com um crescimento de 15,7%, totalizando R$ 74,54 bi. O mercado secundário também continuou aquecido. As negociações de debêntures incentivadas somaram R$ 35,3 bi em junho, superando os R$ 30,54 bilhões de maio, nível que acreditamos que deva se manter até o final do ano, caso a expectativa de tributação persista.

Volume negociado no mercado secundário de debêntures incentivadas



Fonte: Anbima / Elaboração: Suno Asset

Gestão de Carteira

No mês de julho, realizamos a venda de R$ 1,0 mi na debênture da TESC (CJEN13), tendo em vista os spreads comprimidos, em linha com a maturação da tese, e contribuindo para a diversificação da carteira, através da redução da concentração em um único nome. Apesar disso, seguimos confiantes na posição, em um emissor que constantemente tem conseguido entregar resultados superiores à nossa expectativa, reduzindo alavancagem e se beneficiado se sua vantagem geográfica. A venda foi feita a uma taxa de CDI+0,61%, consideravelmente abaixo da taxa de compra de CDI+2,62%.

Com os recursos da venda, realizamos o pagamento da operação compromissada que o fundo carregava, no valor de R$ 1,7 mi e custo de CDI + 0,90%. Esse movimento ajuda na redução do risco do fundo, uma vez que a gestão utilizou a alavancagem para realizar alocações que havíamos identificado como oportunidades. Durante o tempo de carrego da operação, o mercado de crédito incentivado passou por um fechamento de spread, evidenciando que a estratégia de alocação foi assertiva e gerou um resultado positivo para o fundo.

Equipe de Gestão, SUNO ASSET.

CENÁRIO MACROECONÔMICO

Quando Falta Direção, Sobra Volatilidade

Em seu livro Calma sob Pressão, o ex-presidente do Banco Central do Brasil e ex-ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, afirma:

> "O episódio [projeto de incentivo à indústria automotiva em SP] reforça um dos princípios da economia real, a expectativa. A expectativa tem um papel extremamente relevante não só na inflação, mas também no investimento. Quando um governante mostra aonde quer chegar de forma clara e direta, sem titubeios, sem enrolação, sem usar o cargo apenas para ter vantagens políticas, ele gera confiança nos agentes econômicos."

As palavras de Meirelles ecoam com força no atual momento da economia global e brasileira. **Julho foi um mês marcado por uma escalada de incertezas, ruídos políticos e choques que deterioraram a percepção de risco dos investidores e afetaram diretamente as expectativas dos agentes econômicos. Na direção oposta da frase de Meirelles.**

De um lado, assistimos aos Estados Unidos (EUA) ampliarem os anúncios de elevação de tarifas contra diversos países, impactando diretamente parceiros comerciais como o Brasil. No entanto, ao longo do mês, também vimos uma sucessão de acordos sendo firmados, num movimento que contrastou com a retórica inicial mais forte e ajudou a aliviar parte das tensões globais.

De outro lado, no cenário doméstico, acumulam-se episódios que colocaram em xeque a condução da política fiscal, como a crise em torno do IOF, e as tentativas do governo brasileiro de estabelecer um canal de diálogo com a Casa Branca para reverter ou mitigar os efeitos da tarifa de 50% anunciada sobre todos os produtos exportados pelo Brasil.

Não por acaso, os ativos brasileiros voltaram a registrar forte volatilidade ao longo de julho. Após um período de recuperação, tanto o Ibovespa quanto o IFIX inverteram a tendência e fecharam o mês em queda, com recuos de 4,17% e 1,36%, respectivamente.

Enquanto isso, as bolsas norte-americanas mostraram desempenho expressivo, impulsionadas pela redução do pessimismo em relação à guerra comercial e pelo impacto positivo dos resultados corporativos do 2T25, especialmente no setor de tecnologia, que superaram as expectativas e reanimaram o apetite por risco dos investidores globais.

Todos os valores estão destacados na tabela a seguir.

Desempenho das Bolsas ao redor do Mundo

Bolsas					
	Índice	Último	Mês	12 meses	Acum. Ano
	MSCI World	4.076,04	1,23%	15,98%	9,93%
	S&P 500	6.339,39	2,17%	16,61%	7,78%
	NASDAQ	21.122,45	3,70%	23,18%	9,38%
	FTSE 100	9.132,81	4,24%	10,37%	11,74%
	Euro Stoxx 600	546,11	0,88%	6,23%	7,58%
	Merval	2.319.510,00	16,28%	64,28%	-8,45%
	Ibovespa (BRL)	133.071,10	-4,17%	5,50%	10,63%
	Ibovespa (USD)	24.059,50	-5,88%	7,04%	23,57%
	USD/BRL	5,60	2,66%	-1,06%	-9,53%
	IFIX	3.436,38	-1,36%	2,32%	10,27%

Fonte: Refinitiv / Elaboração: Suno Asset

Cenário Internacional

No início de julho, terminou o período de 90 dias de suspensão tarifária, que havia estabelecido uma alíquota padrão de 10% para a maioria dos parceiros comerciais— com exceção da China. Em seguida, o presidente Donald Trump cumpriu a promessa de anunciar a elevação das alíquotas de importação sobre produtos de diversos países, reacendendo as tensões no comércio global.

Trump enviou uma série de cartas a seus principais parceiros comerciais. As tarifas variavam de acordo com o país: 25% para produtos vindos da Coreia do Sul e do Japão, 30% para o México e para a União Europeia, e um duro aumento de 50% para todas as exportações brasileiras. **Todas essas medidas estavam programadas para entrar em vigor no início de agosto.**

Entretanto, boas notícias começaram a surgir. Diversos acordos foram anunciados, com destaque para a redução para 15% sobre produtos vindos do Japão, da União Europeia e da Coreia do Sul– elas entrarão em vigor a partir de 06/08. Além disso, a China e EUA se encontraram em Estocolmo, na Suécia, e estão na iminência de estender o acordo firmado em 11/05, que vence em 12/08. Esses avanços ajudaram a conter parte das tensões e devolveram algum alívio aos ativos globais.

Os acordos incluíram, ainda, compromissos expressivos de investimentos bilionários em solo norte-americano por parte de países como Japão, União Europeia e Coreia do Sul. A soma supera US$ 1,5 trilhão ao longo dos próximos anos. **Nós interpretamos essa questão sob duas óticas.**

Por um lado, representa uma vitória estratégica para o governo de Donald Trump. Esses recursos devem ser direcionados a setores-chave da economia americana, com potencial para impulsionar o crescimento, estimular a criação de empregos e fortalecer sua base eleitoral.

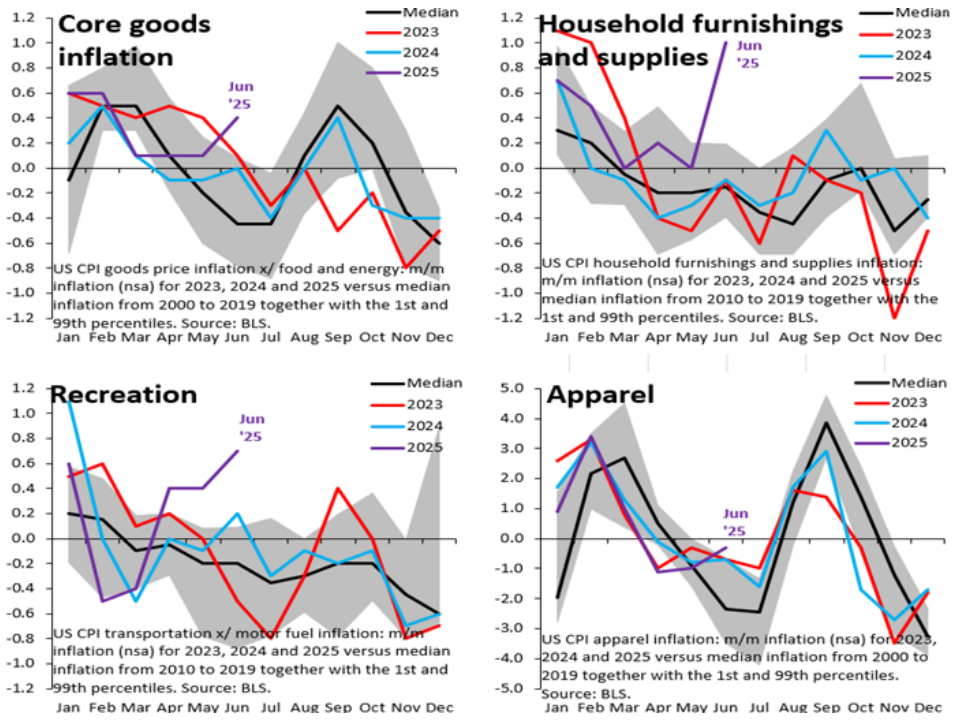
Por outro lado, há uma leitura mais cautelosa: os países que fecharam acordos expressivos com os EUA parecem buscar uma forma de mitigar efeitos econômicos negativos no curto prazo com promessas de investimentos de longo prazo, cuja execução concreta ainda depende de fatores políticos e institucionais. Vale lembrar que, Trump tem um horizonte limitado de apenas quatro anos de governo, o que levanta dúvidas sobre a continuidade e a efetividade real desses compromissos no longo prazo.

Enquanto as tensões político-econômicas dominavam os noticiários, o mercado acompanhava de perto os dados da economia norte-americana, atento, sobretudo, aos possíveis impactos das tarifas sobre a inflação e às pistas sobre os próximos passos da política monetária.

Em junho, Índice de Preços ao Consumidor (CPI) subiu 0,3% em junho, acumulando alta de 2,7% em 12 meses, acima dos 2,4% registrados em maio. Já o núcleo do CPI, que exclui itens mais voláteis como energia e alimentos, avançou 0,2% no mês, com a taxa anual passando de 2,8% para 2,9%.

Embora os dados tenham vindo em linha com as expectativas, os preços de bens — especialmente móveis e artigos domésticos, eletrodomésticos, itens recreativos e vestuário — já começam a refletir os efeitos das novas tarifas comerciais. Como mostra o gráfico a seguir, as variações observadas em junho superam com folga os padrões sazonais dos últimos anos.

CPI de Bens - Variação Mensal (%)



Fonte: Robin J Brooks e BLS

O presidente do Fed, Jerome Powell, reconheceu que as tarifas exerceram pressão sobre alguns bens, embora o impacto mais amplo ainda seja incerto: *"Acho que temos ainda um longo caminho à frente para saber como ficaremos com os impactos das tarifas"*.

Com o esgotamento dos estoques isentos dessas tarifas, a tendência é de que essa pressão sobre o CPI aumente nos próximos meses.

Diante desse cenário de incertezas e de uma inflação que ainda não apresentou sinais consistentes de convergência para a meta de 2,0%, o Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC) decidiu, ao final de julho, manter a taxa de juros no intervalo atual, entre 4,25% a.a. e 4,50% a.a. — decisão que veio em linha com as nossas expectativas.

A primeira novidade desta reunião foi o voto dissidente de dois diretores do Fed, Christopher J. Waller e Michelle W. Bowman, ambos nomeados durante o primeiro mandato de Donald Trump, que prefeririam uma redução dos juros em 0,25 p.p.

Apesar de terem sido escolhidos por Trump, que vem pressionando o banco central para reduzir o patamar restritivo da política monetária, não vemos sinais de interferência política por parte do Executivo, nem expectativa de demissão do atual presidente do Fed, Jerome Powell.

A principal incerteza no médio prazo gira em torno de sua sucessão. Powell deve permanecer no cargo até maio de 2026, mas o governo já sinalizou que a indicação do novo nome tende a ocorrer até o fim de 2025 — fora do padrão histórico — o que pode gerar ruídos sobre as próximas decisões de política monetária.

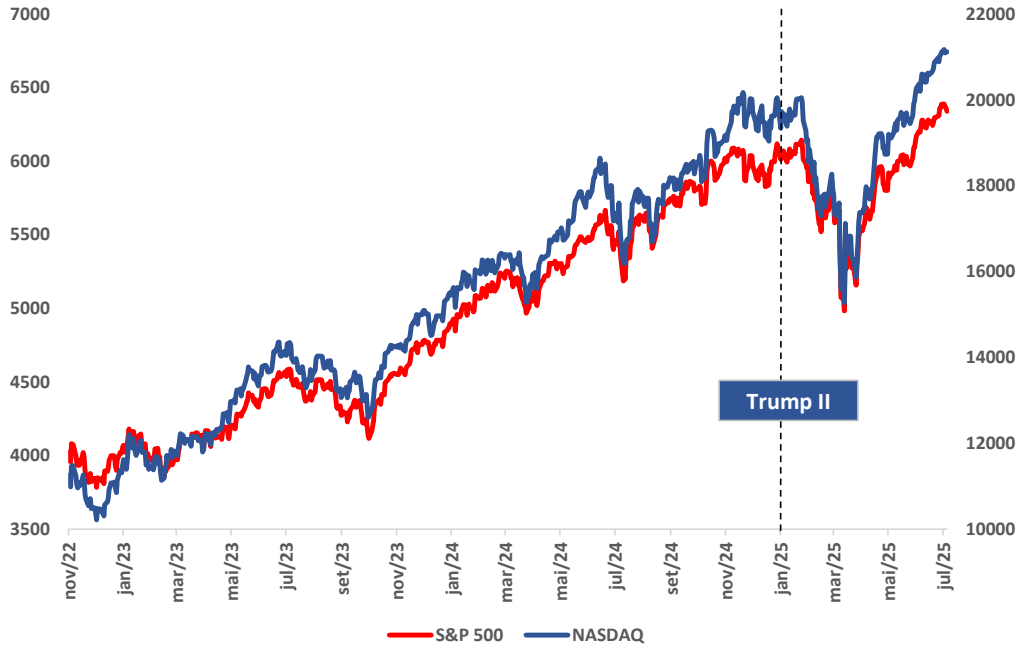
Na entrevista após a decisão, o presidente do Fed destacou que a atual postura da política monetária é adequada e oferece flexibilidade para reagir a novos dados. Ele também indicou que o mercado de trabalho segue relativamente equilibrado por diversas métricas **e destacou a taxa de desemprego como um dos principais indicadores a serem monitorados** - a criação de vagas permanece dentro da faixa considerada saudável e a taxa de desemprego segue estável, em torno de 4,1%.

Esse cenário de preços pressionados nos próximos meses e mercado de trabalho firme, reforça a visão de que o Fed não precisa iniciar um ciclo de cortes de juros no curto prazo. Por fim, Powell declarou que nenhuma decisão foi tomada em relação à reunião de setembro, reforçou o presidente.

Em nossa visão, a autoridade monetária deve aguardar os próximos dados de inflação e os desdobramentos do choque tarifário antes de tomar uma decisão. **Mantemos a expectativa de que o primeiro corte só deve ocorrer em dezembro de 2025, a menos que haja uma deterioração mais significativa no mercado de trabalho.**

Como tratamos no início do texto, a previsão de corte de juros neste ano, acordos comerciais e bons resultados das empresas, impulsionaram as bolsas norte-americanas, como podemos observar na figura abaixo.

Desempenho S&P500 e Nasdaq



Fonte: Refinitiv / Elaboração: Suno Asset

Cenário Doméstico

No Brasil, julho também foi marcado por um ambiente de incertezas — tanto no campo fiscal quanto nas relações internacionais —, além da expectativa em torno da condução da política monetária.

A crise envolvendo o aumento do IOF sobre operações de crédito, câmbio e risco sacado gerou forte repercussão no Congresso. A medida havia sido derrubada em junho pelos parlamentares, mas voltou à pauta no mês passado com uma tentativa de conciliação no Supremo Tribunal Federal (STF). Embora sem consenso, o debate resultou posteriormente na validação parcial do decreto por decisão do STF. O restabelecimento da cobrança reforçou a percepção de conflito entre os Poderes e adicionou mais um foco de incerteza a um ambiente fiscal já fragilizado.

Paralelamente, avançou a proposta que retira os precatórios federais do limite de despesas primárias a partir de 2027, prevendo sua reintegração gradual à meta de resultado primário com um mínimo de 10% do estoque por ano. Embora alivie a pressão orçamentária no curto prazo, a medida pode gerar acomodação fiscal e enfraquecer o ímpeto por ajustes mais estruturais.

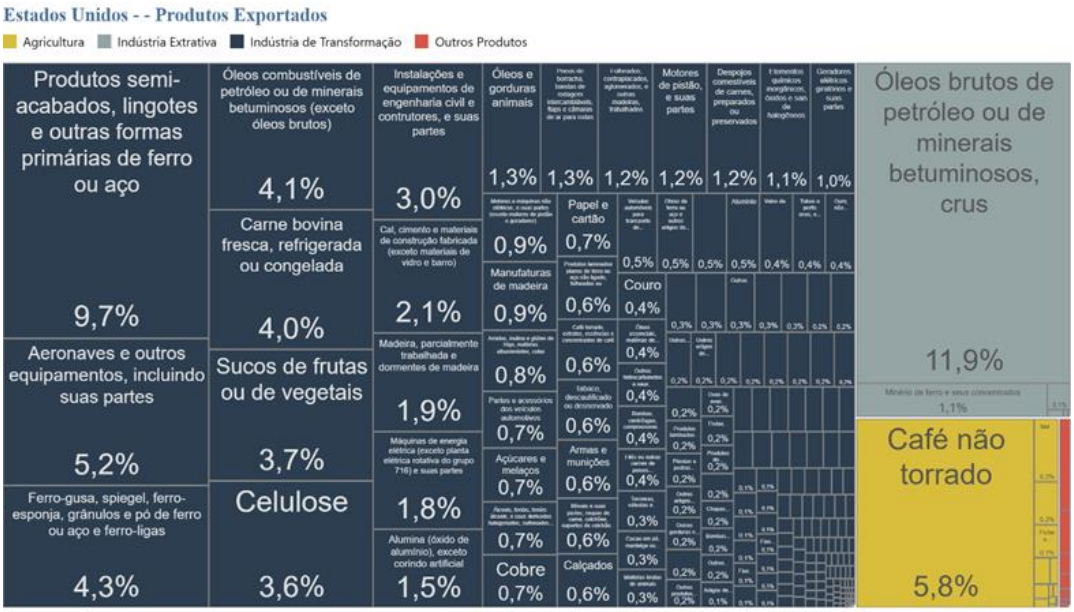
Esses dois episódios evidenciam o esgotamento das soluções paliativas para o ajuste fiscal e ampliam a probabilidade de revisão da meta para 2026. Também escancaram o desafio de preservar a credibilidade do arcabouço fiscal em meio a pressões políticas, instabilidade institucional e uma economia que já dá sinais de desaceleração.

Apesar desses entraves, o principal foco do cenário doméstico concentrou-se na decisão dos Estados Unidos de elevar de 10% para 50% as tarifas de importação sobre todos os produtos brasileiros, com vigência a partir de 01/08.

Ao longo de julho, o governo brasileiro buscou abrir canais de diálogo com os Estados Unidos, mas sem avanços concretos. No dia 30/07, Donald Trump assinou o decreto elevando as alíquotas, o que gerou forte repercussão nos mercados: a bolsa caiu, o dólar subiu quase 1%. Pouco depois, a divulgação de uma lista com 694 exceções — incluindo setores estratégicos como aeronáutica, suco de laranja, fertilizantes, celulose, energia, veículos e minerais —, com a redução das sobretaxas desses itens para 10%, trouxe um alívio. No fim do pregão, o Ibovespa reagiu positivamente e fechou em alta de 0,95%.

Pela figura abaixo, é possível observar que esses produtos beneficiados têm grande peso na pauta exportadora brasileira para os EUA, representando entre 35% e 45%. Com isso, os impactos negativos sobre os setores mais dependentes do mercado norte-americano foram significativamente reduzidos.

Produtos do Brasil exportados aos EUA (jan-jun de 2025)



Fonte: MDIC

Nos bastidores e na imprensa, avalia-se que o Brasil deve concentrar seus esforços diplomáticos na flexibilização das tarifas sobre setores que ficaram fora da lista de exceções, como carne bovina e café. Entre as possíveis contrapartidas estão a redução de barreiras a produtos norte-americanos, maior abertura ao etanol de milho, fornecimento de minerais críticos e aceleração do registro de patentes farmacêuticas. Também se discute o anúncio de até US$ 7 bilhões em investimentos produtivos de empresas brasileiras nos EUA, como sinal de compromisso bilateral.

Ainda assim, o caso brasileiro apresenta desafios. A questão política e a baixa relevância do Brasil no comércio externo dos EUA dificultam o avanço das negociações e tornam qualquer acordo mais lento e condicionado a concessões diplomáticas.

Em nosso cenário-base, trabalhamos com a possibilidade de novos avanços nas negociações bilaterais entre Brasil e Estados Unidos, sobretudo após a publicação da extensa lista de exceções à tarifa de 50%. A decisão de isentar setores estratégicos sinaliza que há espaço para diálogo e ajustes adicionais.

Do ponto de vista macroeconômico, os impactos tendem a ser limitados, especialmente após as exceções, que contemplam, grandes setores brasileiros. Além disso, as exportações para os EUA representam apenas 2% do PIB brasileiro.

Anteriormente, se estimava que as novas tarifas poderiam provocar uma redução de 0,2 p.p. a 0,3 p.p. sobre o PIB do Brasil. Agora, o efeito deve ser menor, entre 0,1 p.p e 0,15 p.p.

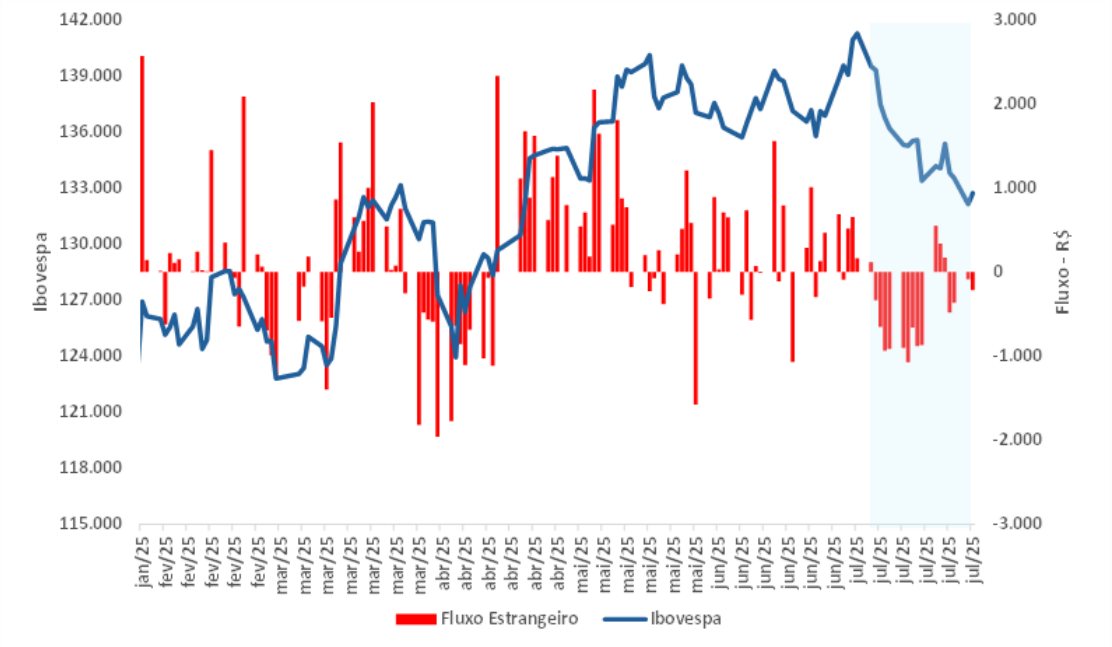
O governo federal sinalizou a intenção de adotar medidas para mitigar os efeitos negativos sobre as empresas. Entre as ações mencionadas estão a possível criação de um fundo emergencial, concessão de crédito subsidiado, incentivos fiscais, redução da jornada de trabalho e a abertura de crédito extraordinário. No entanto, até o momento, não foram divulgados detalhes sobre valores, prazos ou critérios de acesso.

O secretário do Tesouro, Rogério Ceron, afirmou que o plano poderá ser calibrado conforme a abrangência das exceções anunciadas.

Uma resposta direta aos EUA, com aumento das alíquotas sobre produtos importados, é considerada improvável neste momento, pois poderia gerar uma reação ainda mais agressiva dos norte-americanos, elevando os custos de produção e pressionando a inflação.

Toda essa incerteza e falta de previsibilidade tanto na esfera fiscal quanto na política externa, prejudicou a performance da bolsa brasileira. O fluxo estrangeiro que foi importante para impulsionar o mercado, apresentou uma saída em torno de R$ 6 bilhões em julho – como ilustrado a seguir. Em 2025, o saldo ainda é positivo em mais de R$ 20 bilhões.

Ibovespa e Fluxo Estrangeiro

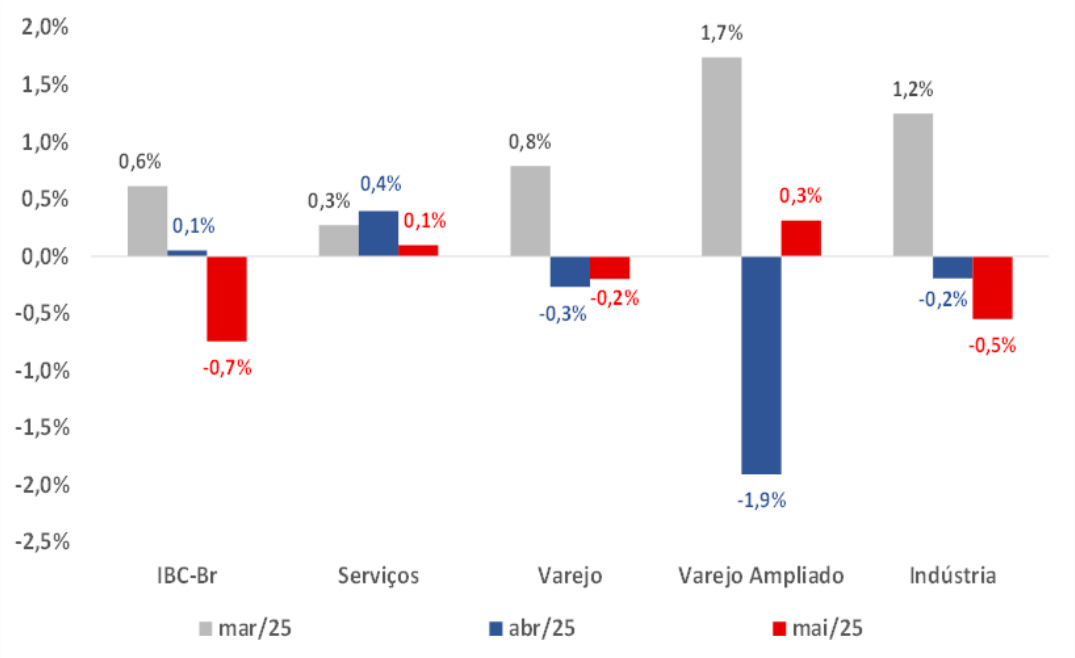


Fonte: B3 e Refinitiv / Elaboração: Suno Asset

Por fim, o último grande evento foi a decisão do Copom, que manteve a taxa de juros em 15,0% a.a., conforme o nosso cenário base.

O conjunto de informações indica que o atual nível de juros já tem provocado uma moderação gradual na atividade econômica – vide o gráfico abaixo com quedas mensais em diversos indicadores –, na concessão de crédito e nos preços. Contudo, o mercado de trabalho, que ainda apresenta dinamismo, permanece como uma barreira para uma desaceleração maior da inflação.

Indicadores de Atividade Econômica - Var. Mensal



Fonte: BC e IBGE / Elaboração: Suno Asset

Embora os dados recentes tenham trazido certo alívio para o Banco Central (BC), o comunicado manteve o tom hawkish (duro) da reunião anterior, **sinalizando que a luta contra a inflação ainda não terminou.** Na nossa avaliação, a postura do BC foi técnica e apropriada, ao reforçar que a política monetária deve continuar em território significativamente contracionista por um período prolongado, com o objetivo de garantir a convergência da inflação à meta.

Em nossa visão, ao reforçar essa mensagem, o Comitê busca reduzir a percepção do mercado de um possível início do ciclo de cortes ainda este ano.

Alguns pontos de preocupação merecem destaque:

- **Em nossos cálculos, o hiato do produto permanece positivo, o que dificulta o trabalho da autoridade monetária**. Para os próximos meses, esperamos uma tendência de desaceleração da atividade econômica, refletindo de forma mais intensa os efeitos dos juros elevados, a restrição do crédito e a perda de dinamismo da economia. Na nossa visão, o hiato do produto deve retornar ao campo negativo no quarto trimestre de 2025, tornando-se um fator essencial para o início da discussão sobre cortes de juros em 2026.

- **As medidas subjacentes de inflação continuam elevadas, acima do intervalo compatível com o cumprimento da meta.** Destacam-se, nesse cenário, os preços de serviços e os núcleos de inflação. Esse contexto reforça a necessidade de manutenção de uma política monetária contracionista, mesmo com os sinais recentes de desaceleração dos preços.

- **As expectativas de inflação apresentaram um leve arrefecimento, mas seguem desancoradas em relação à meta de 3,0%.**

Outro ponto que segue no radar da autoridade monetária é o risco fiscal. Com a dissipação dos choques externos, a trajetória de alta da dívida pública tende a voltar ao centro das atenções, podendo impactar a precificação dos ativos financeiros.

As tarifas impostas pelos Estados Unidos ao Brasil e as incertezas sobre acordos comerciais não influenciaram — e não devem influenciar, no curto prazo — a decisão do Copom. Apesar disso, o Banco Central segue acompanhando os desdobramentos do caso.

O ponto central é que o Banco Central atribui maior peso aos indicadores domésticos — como atividade econômica, inflação e expectativas — do que a esse evento específico. No entanto, se no médio prazo houver estresse no câmbio e uma desvalorização que comprometa o processo de convergência da inflação, a autoridade monetária poderá incorporar esse risco ao seu balanço e tomar as medidas necessárias.

Quanto aos próximos passos da política monetária, mantemos a expectativa de que o Comitê mantenha a taxa Selic em 15,0% a.a. na reunião de setembro e no restante de 2025.

Para 2026, projetamos o início do ciclo cortes de juros na reunião de março. Esse movimento dependerá de uma combinação de fatores, como a melhora no cenário inflacionário, maior ancoragem das expectativas — que passarão a refletir com mais peso o ano de 2027 — e sinais mais evidentes de desaceleração da atividade econômica.

Nesse contexto, estimamos um ciclo de cortes gradual, com a Selic encerrando o ano que em 13,0% ao ano. O início das discussões sobre um possível ciclo de cortes de juros pode se tornar um importante gatilho para impulsionar o desempenho da renda variável no país.

A tabela a seguir ilustra os nossos cenários.

Taxa Selic – Projeções (% a.a.)

Copom	Cenário Otimista	Cenário Base	Cenário Pessimista
Probabilidade	**30%**	**50%**	**20%**
jun/25	**15,00%**	**15,00%**	**15,00%**
jul/25	15,00%	15,00%	15,00%
set/25	15,00%	15,00%	15,00%
nov/25	15,00%	15,00%	15,00%
dez/25	**14,50%**	**15,00%**	**15,00%**
jan/26	14,00%	15,00%	15,00%
mar/26	13,50%	**14,50%**	15,00%
dez/26	**12,50%**	**13,00%**	**14,00%**

Fonte: Banco Central / Elaboração: Suno Asset

Conclusão

O mês de julho escancarou como a falta de clareza, previsibilidade e coordenação nas decisões de política econômica — tanto em âmbito internacional quanto doméstico — minam a confiança dos agentes econômicos. A sucessão de ruídos institucionais, medidas tributárias mal articuladas e tensões comerciais reforçaram um ambiente de desconfiança e retração.

É justamente nesse cenário que a reflexão de Henrique Meirelles ganha peso: A expectativa, afinal, não é um detalhe técnico — é o elo invisível entre decisões e confiança. E confiança é, em última instância, o que sustenta toda economia que quer crescer de forma consistente.

Segue abaixo a tabela das nossas estimativas. Caso necessário, faremos novas revisões das nossas projeções.

Projeções

Cenário Base	2023	2024	2025	2026
PIB (var % a.a. real em volume)	3,2%	3,4%	2,4%	1,8%
IPCA (%, a/a, fim de período)	4,62%	4,83%	5,2%	4,5%
Taxa Selic (%, fim de período)	11,75%	12,25%	15,00%	13,00%
Taxa de Câmbio (R$/US$, fim de período)	4,85	6,19	5,80	6,00
Resultado Primário do Governo Central (% PIB) - meta	-2,3%	-0,1%	-0,25%	-0,3%
Resultado Primário do Governo Central (% PIB)	-2,3%	-0,4%	-0,6%	-0,7%
Dívida Bruta - DBGG (% PIB)	74,3%	76,1%	78,9%	83,0%
Balança comercial (US$ bilhões)	98,8	74,55	63,7	70,0

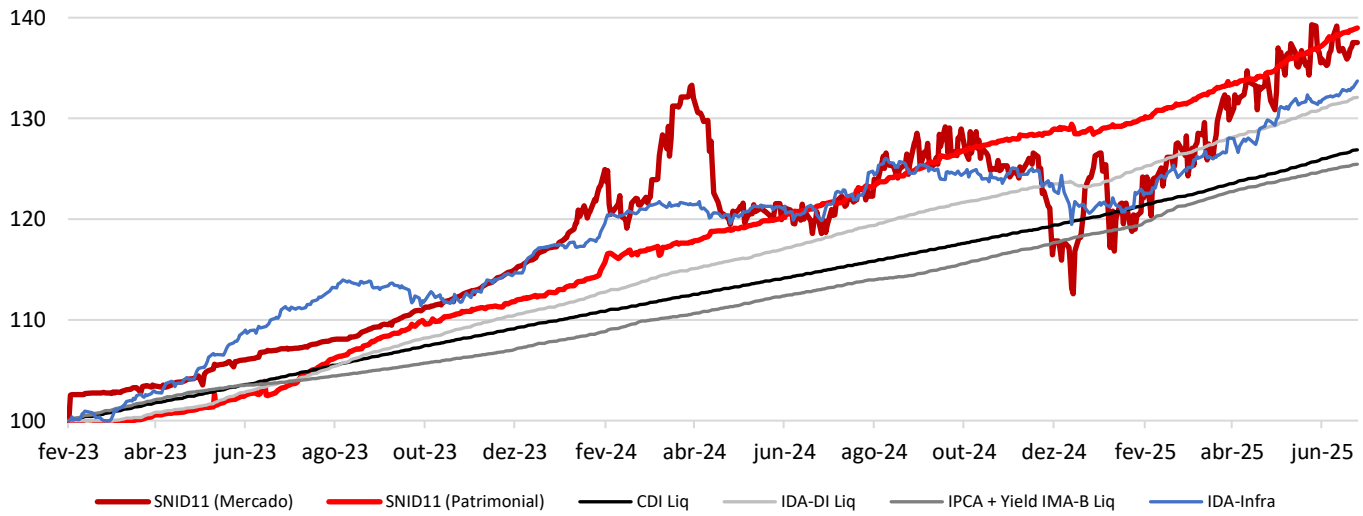
Fontes: IBGE, Banco Central e ComexStat / Elaboração: Suno Asset

Gustavo Sung, Economista-chefe da Suno.

PERFORMANCE/DESEMPENHO

(RENTABILIDADE, Nº COTISTAS, ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE, CARREGO)

Rentabilidade SNID11 vs Benchmarks



Elaboração: Suno Asset e Quantum

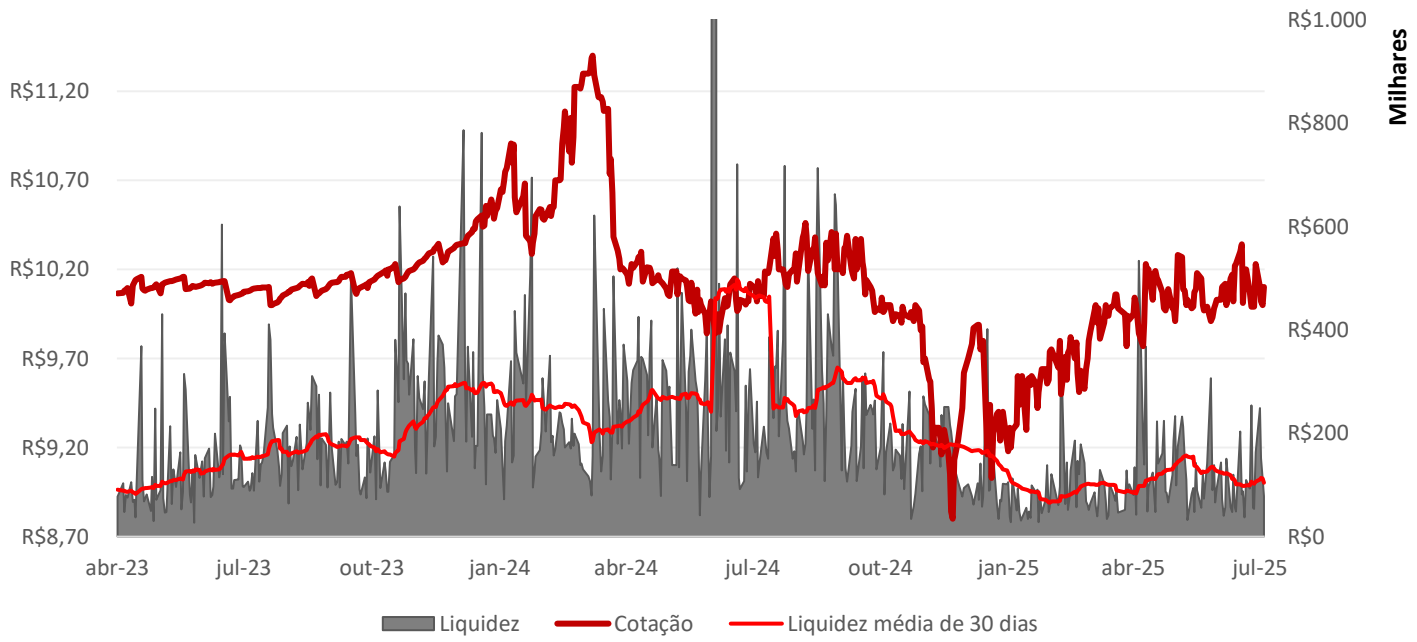
Desde o seu início, o SNID11 teve um retorno total, considerando o reinvestimento dos rendimentos, de **37,5% na cota a mercado e de 39,0% na cota patrimonial**, sendo superior aos principais índices de mercado líquidos de IR: CDI liq (26,9%), IPCA + yield IMA-B liq (25,5%), IDA-DI liq (32,1%) e IDA-IPCA Infraestrutura (33,7%).

Tabela de sensibilidade

	Cotação	Spread (CDI+) Bruto	Spread (-) Tx Adm
	R$ 9,80	3,01%	2,04%
	R$ 9,85	2,91%	1,94%
	R$ 9,90	2,81%	1,84%
	R$ 9,95	2,71%	1,74%
	R$ 10,00	2,61%	1,64%
	R$ 10,05	2,50%	1,54%
Cota a mercado	**R$ 10,10**	**2,40%**	**1,44%**
	R$ 10,15	2,30%	1,34%
	R$ 10,20	2,20%	1,24%
Patrimonial	**R$ 10,24**	**2,11%**	**1,15%**
	R$ 10,25	2,10%	1,14%
	R$ 10,30	2,00%	1,04%
	R$ 10,35	1,90%	0,94%
	R$ 10,40	1,79%	0,84%
	R$ 10,45	1,69%	0,74%
Legenda:	Cota a Mercado	Cota Patrimonial	

Elaboração: Suno Asset

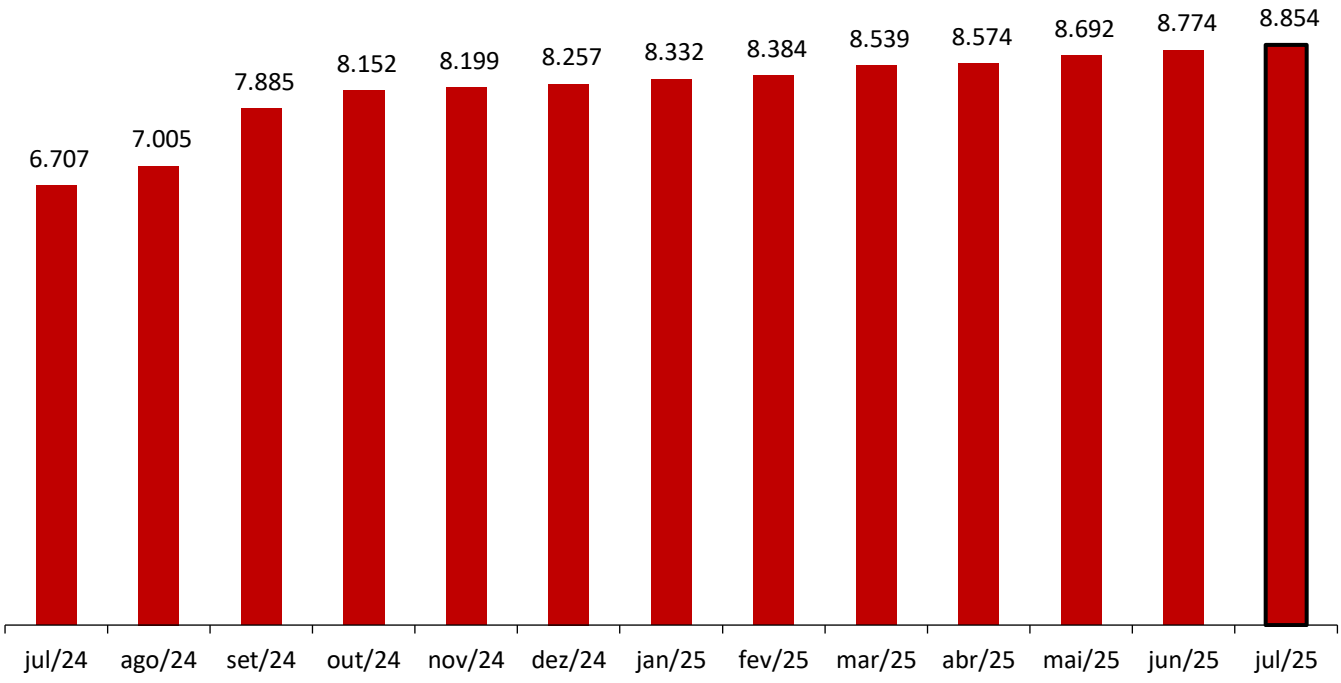
Cotação e liquidez



Elaboração: Suno Asset e Quantum

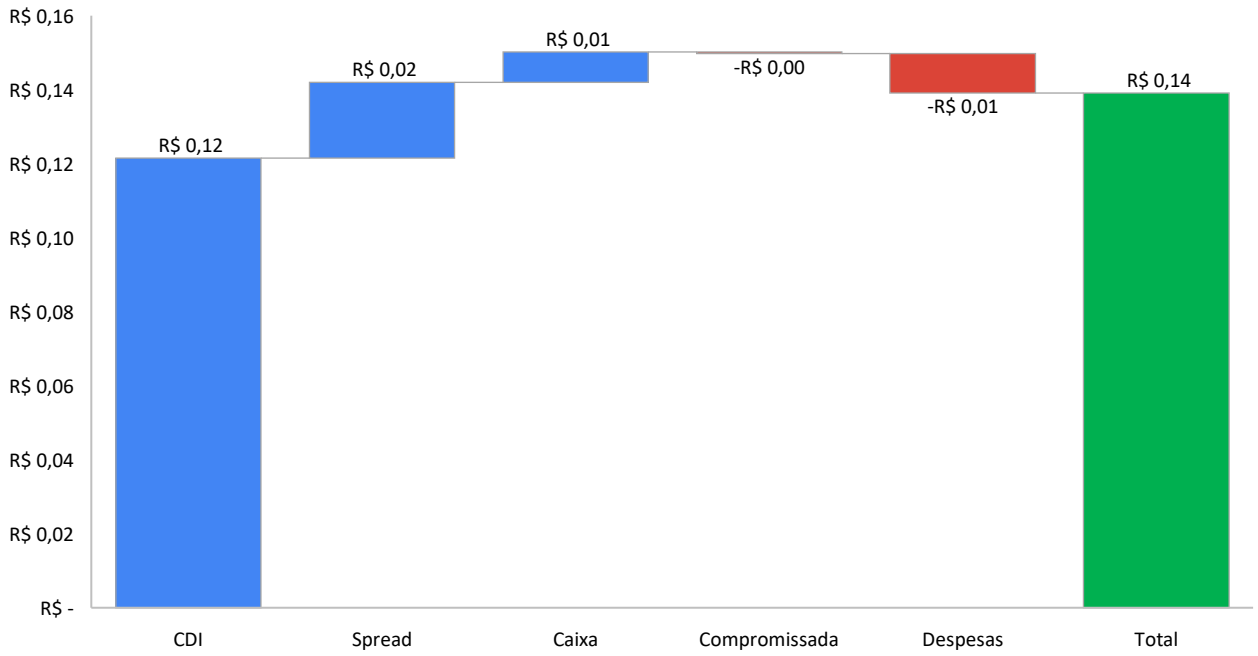
No mês de julho, o SNID teve um **volume financeiro de R$ 2,4 milhões**, e uma **média diária de negociação de R$ 103 mil**.

Evolução do número de cotistas



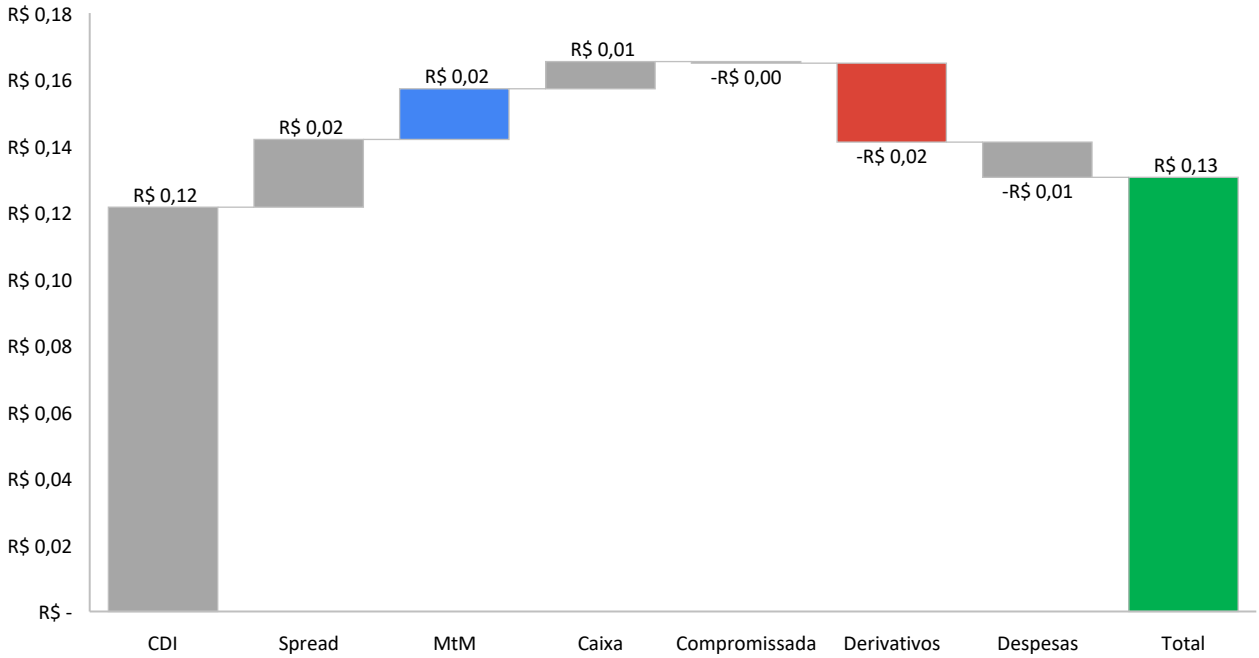
Elaboração: Suno Asset

Atribuição de performance - SEM marcação e derivativos



Elaboração: Suno Asset.

Atribuição de performance - COM marcação e derivativos



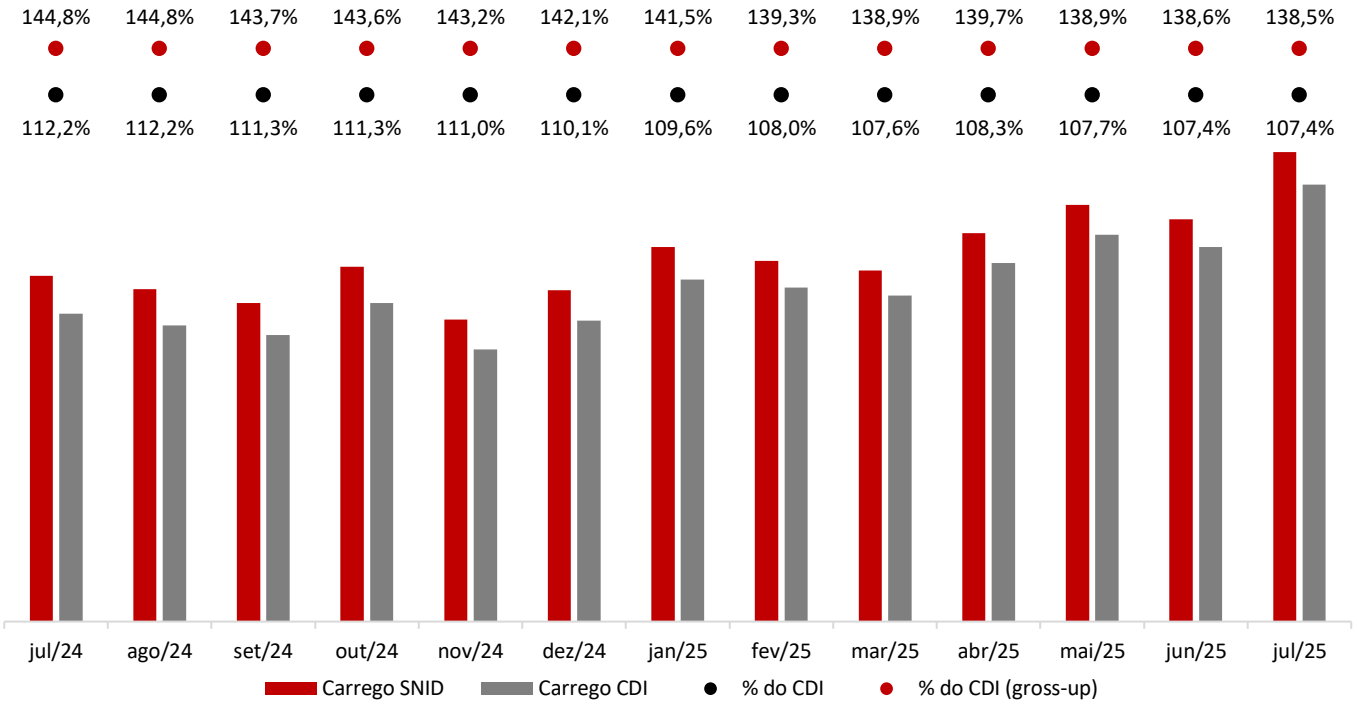
Elaboração: Suno Asset.

O componente CDI terminou em 15,00% no período, contribuindo com R$ 0,122 por cota. O componente *spread* da carteira de crédito, em 2,11% no fechamento do período, atribuiu R$ 0,020 por cota. O caixa do fundo, por sua vez, contribuiu com R$ 0,008 por cota, uma vez que hoje representa

5,5% do patrimônio do fundo. Do lado dos detratores, tivemos a compromissada com um custo de R$ 0,0001 por cota, visto que foi paga ao longo do mês, as despesas do fundo detraíram R$ 0,011 por cota do resultado no mês, em linha à média histórica. Desta forma, o fundo teve um resultado de carrego de R$ 0,139 por cota, em linha com a distribuição do mês.

A marcação a mercado dos papéis em carteira contribuiu positivamente com R$ 0,015 por cota, em decorrência do fechamento das taxas indicativas no mercado secundário. Os derivativos, que são os instrumentos utilizados para realizar o swap do indexador das debêntures incentivadas para o CDI, atribuíram negativamente R$ 0,024 por cota, em decorrência da abertura das taxas das NTN-Bs no período. Dessa forma, o fundo teve um resultado patrimonial de R$ 0,131 por cota, acima da distribuição do mês.

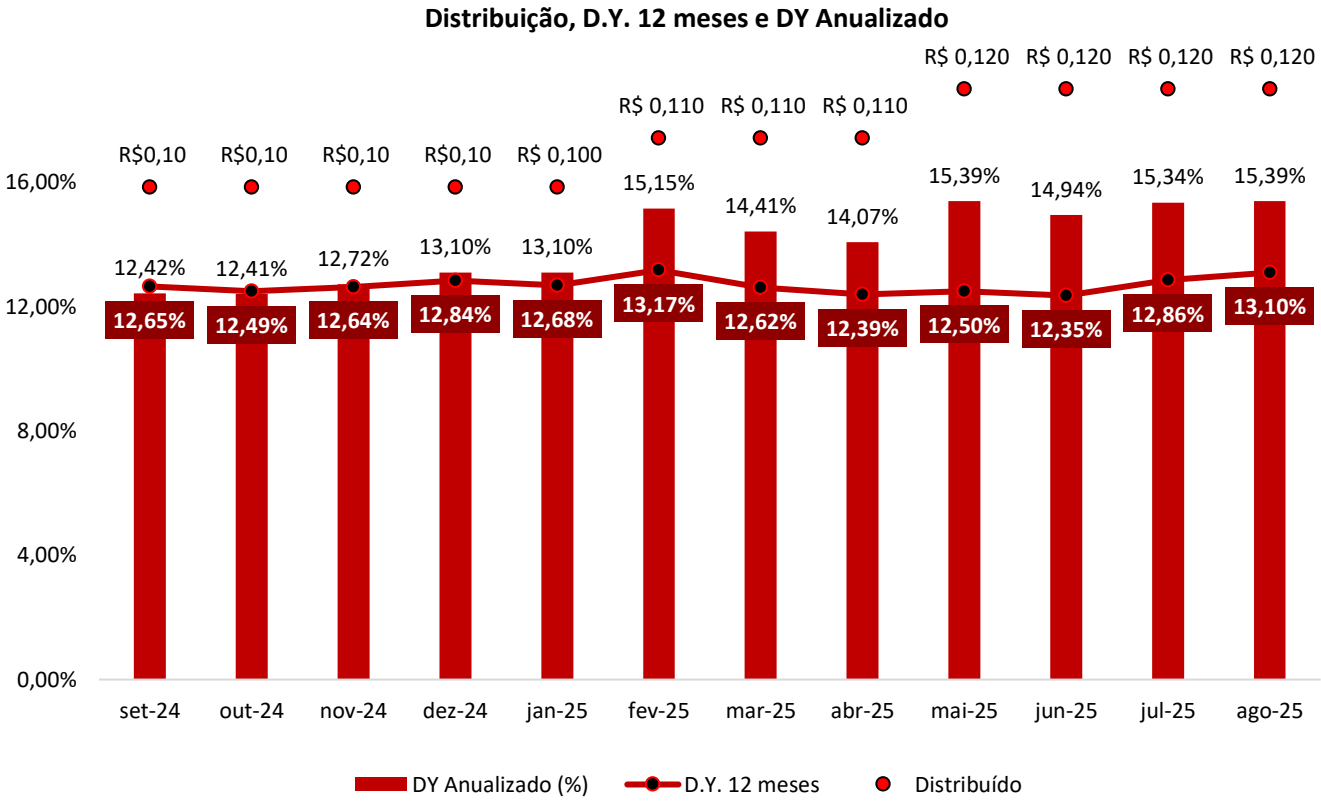
Carrego mensal



Elaboração: Suno Asset.

No mês de julho, o fundo gerou de carrego o equivalente a **107,4% do CDI**, equivalente a um retorno de **138,5% do CDI** ou **CDI+6,0%**, quando considerado o gross-up, de forma líquida para o cotista.

Rendimentos

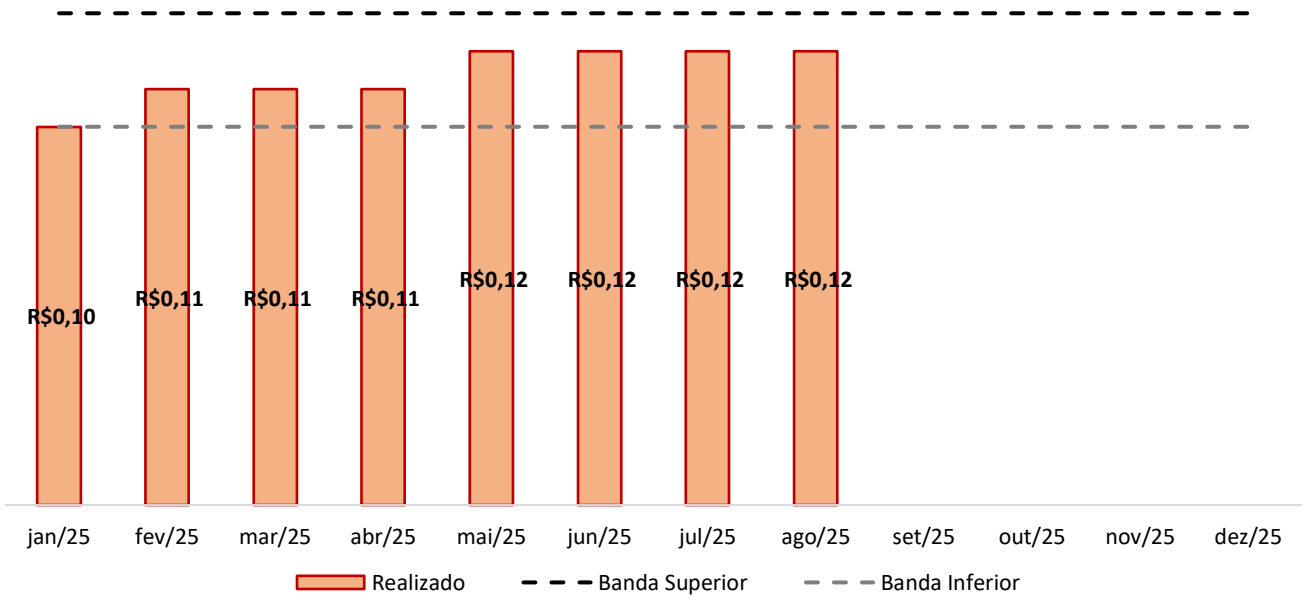


Elaboração: Suno Asset.

No mês de julho, o fundo anunciou a distribuição de **R$ 0,12**, resultando em uma distribuição anualizada de 15,4%. Nos últimos 12 meses, o fundo distribuiu 13,1%, tendo como base a cota a mercado. Em relação a cota patrimonial, a distribuição dos últimos 12 meses foi de 12,8%.

GUIDANCE

Seguindo a política de *guidance* de rendimentos, mantemos nossas projeções de distribuição para o 2° semestre de 2025, que abrange os recentes aumentos da Taxa Selic. Dessa forma, atualmente temos como *guidance* a **banda superior em R$ 0,13** e a **banda inferior em R$ 0,10**, demonstrando a resiliência do produto e aderência com o CDI. Como forma de compromisso com o guidance, entendemos como saudável o nível de distribuição, dado o atual patamar de Selic.



Elaboração: Suno Asset.

CARTEIRA

R$ 73,8 Mi
Patrimônio Líquido do Fundo

47 (+0 vs mês passado)
Número de ativos na carteira

37 (+0 vs mês passado)
Número de emissores

CDI+2,23% | 5,1 | R$ 69,8 Mi
Taxa média das debêntures da carteira | Duration | Posição Financeira

CDI+ 2,05% | 5,5 | R$ 59,1 Mi
Taxa média das debêntures incentivadas da carteira | Duration | Posição Financeira

CDI + 3,24% | 2,7 | R$ 10,7 Mi
Taxa média das debêntures normais da carteira | Duration | Posição Financeira

R$ - Mi (0,0%)
Volume em operações compromissadas

-% a.a.
Custo médio ponderado das compromissadas

AA
Rating ponderado da carteira

80,8%
Alocação em alto grau de crédito (AAA e A+)

R$ 4,0 Mi (5,5% do PL)
Caixa no Fechamento

23,6% | 41,5%
Concentração 5 maiores | 10 maiores

CARTEIRA DE DEBÊNTURES

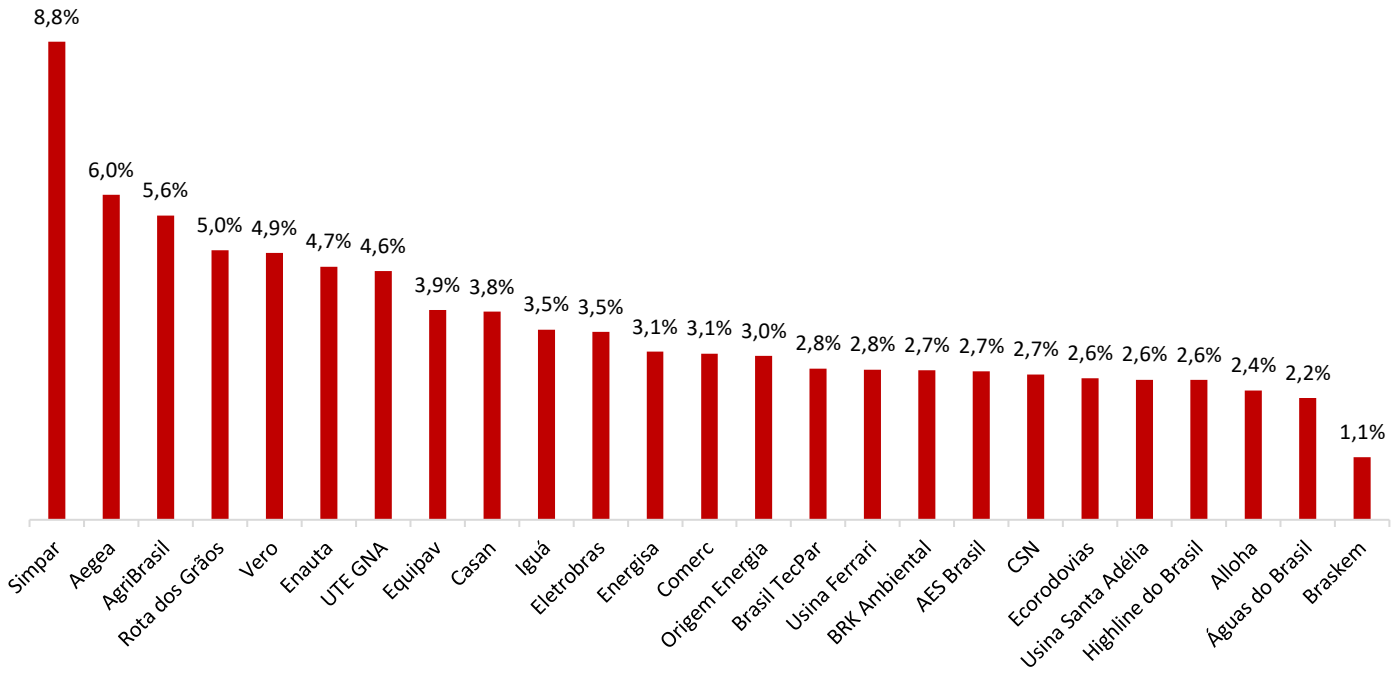
Ativo	Emissor	Controladora	Setor	Tipo	Rating	*Spread*	Duration	Financeiro (mil)	% do PL
CJEN13	Tesc	AgriBrasil	Portos	Incentivada	A+	2,62%	4,5	R$ 4.126	5,6%
RGRA11	Rota dos Grãos	Rota dos Grãos	Rodovias	Incentivada	A+	2,63%	7,1	R$ 3.653	5,0%
UNEG11	UTE GNA I	UTE GNA	Energía Elétrica	Incentivada	A	2,83%	7,0	R$ 3.375	4,6%
RISP24	Águas do Rio	Aegea	Saneamento	Incentivada	AA+	1,63%	8,4	R$ 3.155	4,3%
VERO13	Vero	Vero	Telecom	Incentivada	A+	2,42%	3,8	R$ 3.107	4,2%
ENAT33	Enauta	Enauta	Óleo e Gás	Incentivada	AA	1,76%	5,8	R$ 2.956	4,0%
CASN23	Casan	Casan	Saneamento	Incentivada	BBB+	3,09%	3,5	R$ 2.821	3,8%
IRJS14	Iguá Rio	Iguá	Saneamento	Incentivada	AAA	1,53%	7,4	R$ 2.581	3,5%
NTEN11	Norte Energia	Eletrobras	Energía Elétrica	Incentivada	A	2,19%	2,3	R$ 2.550	3,5%
ENGIC0	Energisa	Energisa	Energía Elétrica	Incentivada	AAA	0,35%	8,5	R$ 2.278	3,1%

HVSP11	Helio Valgas	Comerc	Energía Elétrica	Incentivada	AAA	2,25%	5,4	R$ 2.255	3,1%
ORIG21	Origem Energia	Origem Energia	Óleo e Gás	Incentivada	A	2,20%	4,8	R$ 2.224	3,0%
FRAG14	Usina Ferrari	Usina Ferrari	Sucroenergético	Incentivada	A+	1,14%	4,4	R$ 2.036	2,8%
BRKP28	BRK Ambiental	BRK Ambiental	Saneamento	Incentivada	A+	1,14%	5,8	R$ 2.028	2,7%
TCII11	AES Tucano	AES Brasil	Energía Elétrica	Incentivada	AAA	1,96%	6,4	R$ 2.010	2,7%
HARG11	Holding do Araguaia	Ecorodovias	Rodovias	Incentivada	AAA	2,37%	5,4	R$ 1.922	2,6%
USAS11	Usina Santa Adélia	Usina Santa Adélia	Sucroenergético	Incentivada	AA-	2,50%	1,5	R$ 1.901	2,6%
HGLB23	Highline do Brasil	Highline do Brasil	Telecom	Incentivada	A-	1,83%	4,9	R$ 1.896	2,6%
SABP12	Rio+	Águas do Brasil	Saneamento	Incentivada	AAA	1,39%	7,6	R$ 1.649	2,2%
AEGE16	Equipav Saneamento	Equipav	Saneamento	Normal	AA	3,63%	3,8	R$ 1.612	2,2%
TEPA12	Brasil TecPar	Brasil TecPar	Telecom	Incentivada	A+	3,90%	3,3	R$ 1.529	2,1%
VAMO24	Vamos	Simpar	Locação de Veículos	Normal	AA	2,65%	3,5	R$ 1.471	2,0%
JSLGA5	JSL	Simpar	Logístico	Normal	AA	2,30%	1,8	R$ 1.389	1,9%
SUMI18	Giga Mais Fibra	Alloha	Telecom	Incentivada	A+	1,65%	4,5	R$ 1.241	1,7%
AEGE17	Equipav Saneamento	Equipav	Saneamento	Normal	AA	3,60%	4,5	R$ 1.233	1,7%
VAMO13	Vamos	Simpar	Locação de Veículos	Normal	AA	2,41%	2,3	R$ 1.098	1,5%
CCLS11	Ciclus Ambiental	Simpar	Gestão de Resíduos	Incentivada	AA	1,05%	4,5	R$ 1.080	1,5%
CGEE23	CEEE-G	CSN	Energía Elétrica	Incentivada	AA	1,20%	6,6	R$ 987	1,3%
CSNAA2	CSN	CSN	Materiais Básicos	Normal	AA+	3,49%	1,6	R$ 982	1,3%
RIS424	Águas do Rio	Aegea	Saneamento	Incentivada	AA+	1,77%	8,4	R$ 968	1,3%
BRKMA8	Braskem	Braskem	Petroquímico	Normal	AAA	3,79%	3,0	R$ 848	1,1%
CBRDA8	Pão de Açúcar	Pão de Açúcar	Varejo	Normal	AA	5,99%	0,7	R$ 745	1,0%
CCLS21	Ciclus Ambiental	Simpar	Gestão de Resíduos	Incentivada	AA	1,05%	5,0	R$ 637	0,9%

QUAT13	Usina Quatá	Usina Quatá	Sucroenergético	Incentivada	A	2,90%	4,0	R$ 539	0,7%
CRCF12	Rodovias do Café	EPR rodovias	Rodovias	Incentivada	AA	0,85%	8,8	R$ 536	0,7%
TEPA13	Brasil TecPar	Brasil TecPar	Telecom	Incentivada	A+	3,54%	3,8	R$ 523	0,7%
SUMI19	Giga Mais Fibra	Alloha	Telecom	Incentivada	A+	2,09%	4,7	R$ 512	0,7%
VERO44	Vero	Vero	Telecom	Incentivada	A+	2,00%	5,8	R$ 512	0,7%
MVLV19	Movida	Simpar	Locação de Veículos	Normal	AA	2,74%	1,0	R$ 512	0,7%
RALM21	Rialma	Rialma	Energía Elétrica	Incentivada	AAA	0,91%	9,5	R$ 499	0,7%
ENAT24	Enauta	Enauta	Óleo e Gás	Incentivada	AA	1,00%	5,8	R$ 478	0,6%
HZTC24	Orizon Resíduos	Orizon	Gestão de Resíduos	Normal	AA+	2,73%	2,9	R$ 397	0,5%
MOVI34	Movida	Simpar	Locação de Veículos	Normal	AA	2,64%	1,4	R$ 295	0,4%
RIS412	Águas do Rio	Aegea	Saneamento	Incentivada	AA+	1,59%	4,9	R$ 284	0,4%
ESAM14	São Manoel	EDP	Energía Elétrica	Incentivada	AA	1,96%	3,5	R$ 176	0,2%
TRES11	3 Tentos	3 Tentos	Agroindústria	Normal	AA	2,10%	2,8	R$ 108	0,1%
BRST11	Brisanet	Brisanet	Telecom	Incentivada	AA-	2,88%	1,3	R$ 49	0,1%
COMPROMISSADA						0,00%	0,0	R$ -	-%
CAIXA	Caixa			Caixa	Caixa	0,0%	0,0	R$ 4.042	5,5%
TOTAL						2,11%	4,8	R$ 73.803	100,0%

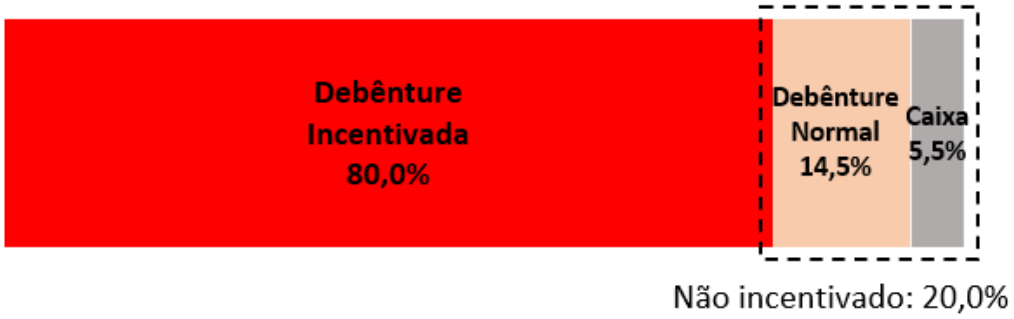
ALOCAÇÕES

Exposição por controlador (25 maiores exposições)



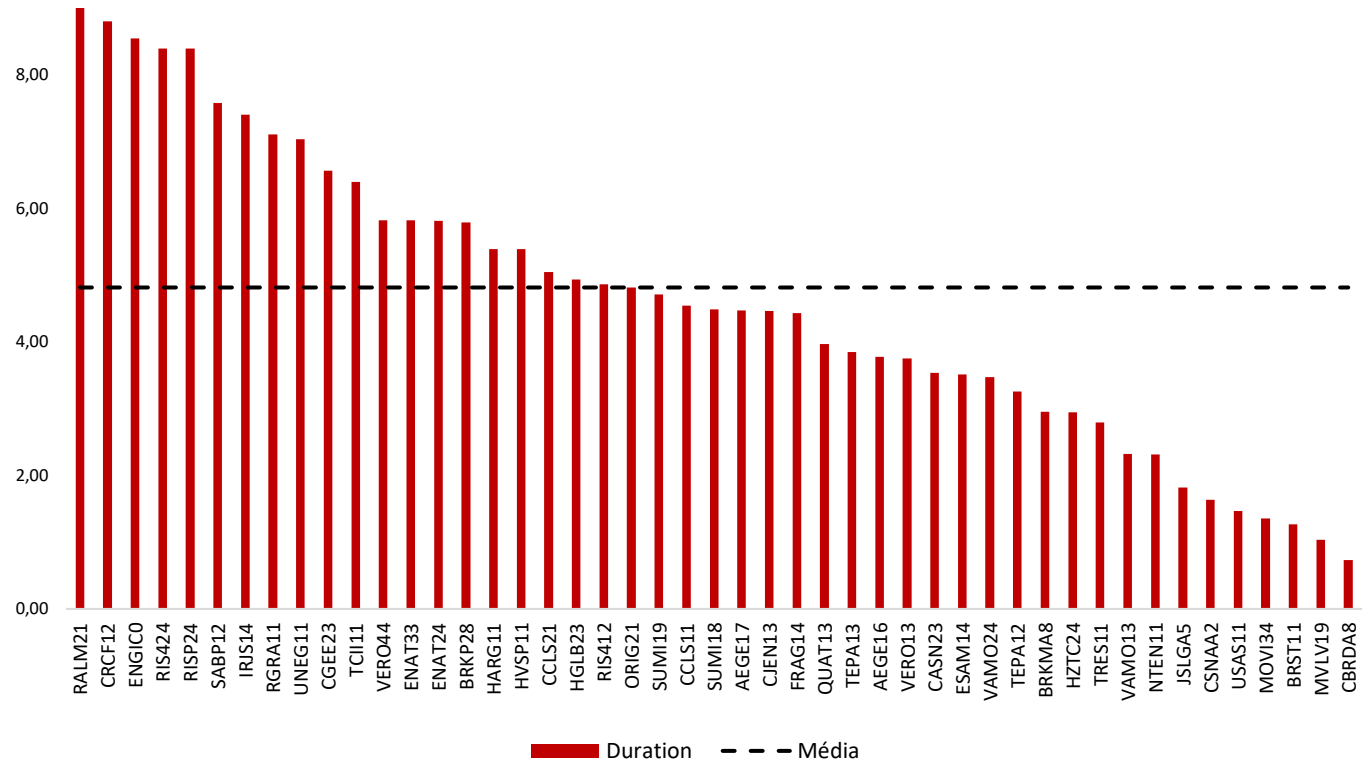
Elaboração: Suno Asset.

Exposição por tipo de ativo



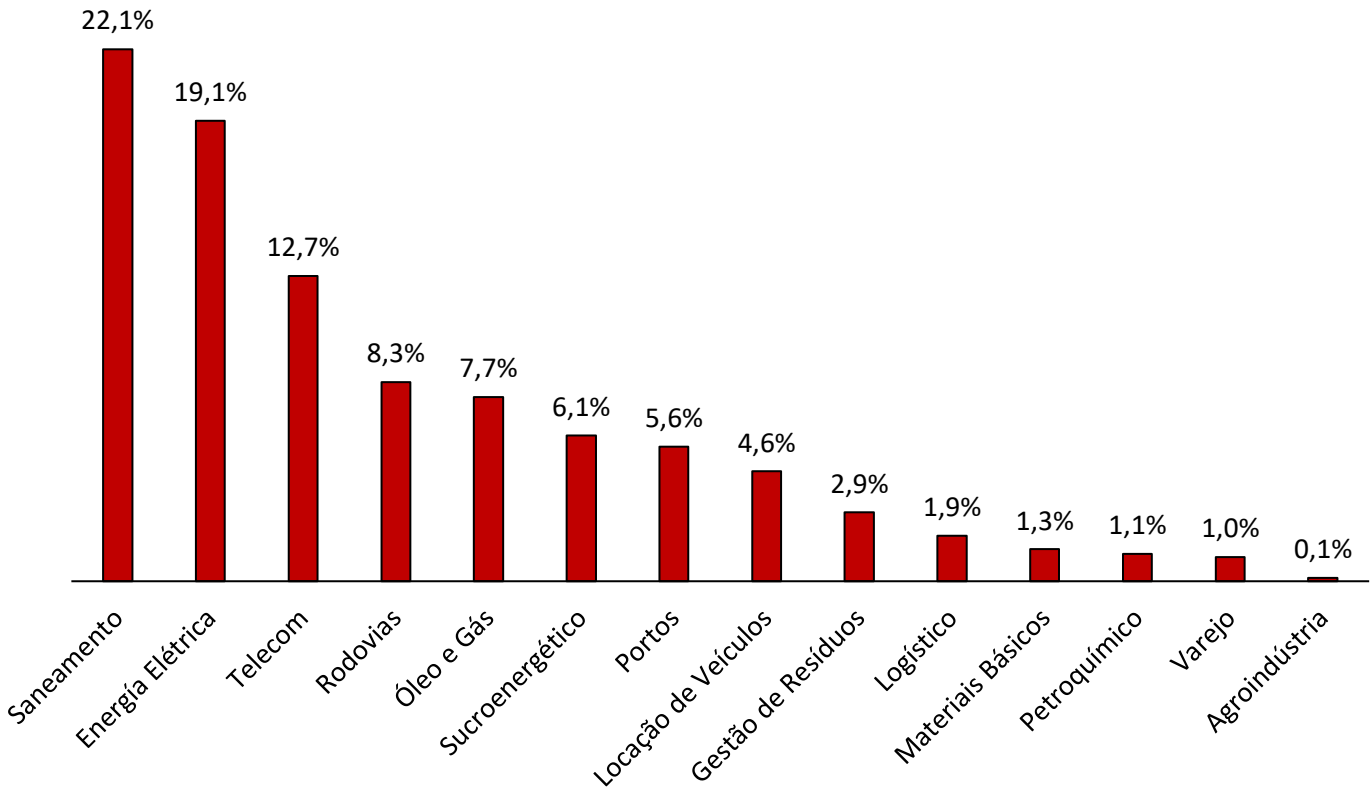
Elaboração: Suno Asset.

Duration dos ativos e da carteira



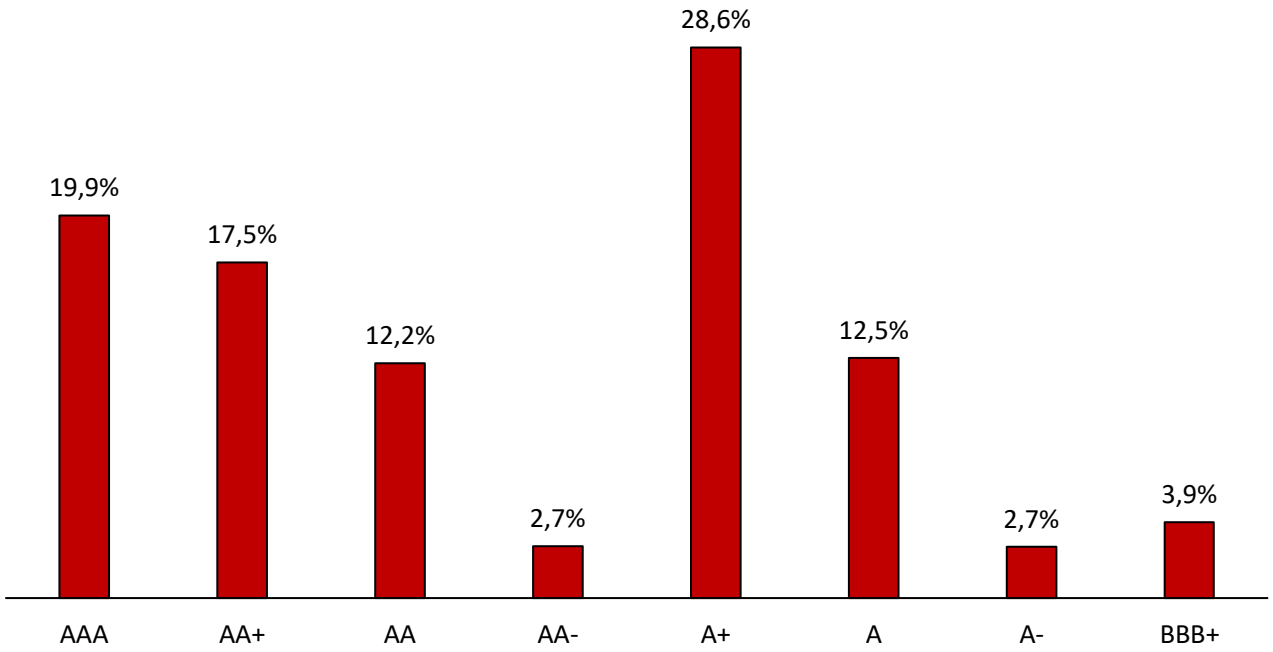
Elaboração: Suno Asset.

Exposição setorial



Elaboração: Suno Asset.

Exposição por rating externo



Elaboração: Suno Asset.

DETALHAMENTO DOS PRINCIPAIS ATIVOS

AES TUCANO

DADOS: 2T25



Ticker: TCII11

Setor: Energia Elétrica

Carrego de aquisição: CDI + 1,96%

Duration: 6,37 anos

Rating: AAA (Fitch)

Exposição: 2,7%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 3,47 bi

EBITDA: R$ 2,0 bi

Dívida Líquida:

DL/EBITDA:

DADOS OPERACIONAIS

Ventos: 8,3 m/s

Energia Bruta Gerada: 566 GWh

Turbinas em operação: 36

Duration dos PPA: 17,4 anos

Comentário da Gestão

O Complexo Eólico Tucano é uma usina de geração eólica situada nos municípios de Tucano, Biritinga e Araci, na Bahia, com capacidade instalada de 322 MW. É uma subsidiária da AES Brasil, uma das maiores companhias do segmento elétrico brasileiro. A AES Brasil possui 4,2 GW instalados em operação e mais 1,0 GW em construção, com atuação integral na geração de energia renovável.

Fonte: AES Brasil | Elaboração: Suno Asset

AGUÁS DO RIO

DADOS: 2T25

Tickers: RIS422, RIS424, RISP22 e RISP24

Setor: Saneamento

Carrego de aquisição: CDI + 1,74%

Duration: 8,2 anos

Rating: AA+ (S&P)

Exposição: 6,1%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 1,7 bi

EBITDA: R$ 742,5 bi

Dívida Líquida: R$ 6,8 bi

DL/EBITDA: 7,88x

DADOS OPERACIONAIS

Economias Faturadas: 4,62 mi

Volume Faturado: 255 mi m³ (2T)

Índices de perdas: 49,7%

Vencimento: 2046

Comentário da Gestão

A Águas do Rio é a maior concessão do portfólio da Aegea, que por sua vez, é a maior companhia privada de saneamento básico do país. A cia. atende mais de 20 milhões de pessoas sob a região de sua cobertura, e o prazo de sua concessão é de 35 anos (vencimento em 2046). Seus investimentos visam aumentar a área de cobertura de água e esgoto e diminuir as perdas de água na distribuição, auxiliando na meta nacional de universalização da cobertura de saneamento no país.

Fontes: Aegea | Elaboração: Suno Asset

BRASKEM

DADOS: 2T25



Ticker: BRKMA8

Setor: Petroquímico

Carrego de aquisição: CDI + 3,79%

Duration: 2,9 anos

Rating: AAA (S&P)

Exposição: 1,09%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 17,8 bi

EBITDA Recorrente: R$ 74 mi

Dívida Líquida Ajustada: R$ 37,5 bi

DL/EBITDA: 10,59x

DADOS OPERACIONAIS

Taxa de Utilização Brasil: 74%

Taxa de Utilização México: 44%

Taxa de Utilização EUA: 74%

Provisões de Alagoas: R$ 4,7 bi

Comentário da Gestão

A Braskem é uma das maiores Petroquímicas do mundo, com plantas na América Latina, América do Norte e Europa. Sua enorme escala proporciona ganhos de sinergia relevantes, garantindo à companhia um custo de produção competitivo globalmente e forte geração de caixa mesmo em ciclos de baixa. A companhia é controlada pela Petrobrás e Novonor.

Fontes: Braskem | Elaboração: Suno Asset

BRISANET

DADOS: 2T25



Ticker: BRST11

Setor: Telecomunicações

Carrego de aquisição: CDI + 2,88%

Duration: 1,9 anos

Rating: AA- (S&P)

Exposição: 3,0%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 1.316 mi

EBITDA: R$ 579 mi

Dívida Líquida: R$ 891 mi

DL/EBITDA: 1,54x

DADOS OPERACIONAIS

Casas Passadas: 7.042 mil

Casas Conectadas: 1.361 mil

Cobertura 4G/5G: 6.561 mil hab

Cidade Atendidas (Fibra): 158

Comentário da Gestão

A Brisanet é uma companhia do ramo de telecomunicações com atuação majoritária na região Nordeste do país. O foco de sua operação está no desenvolvimento das telefonias fixa e móvel, além da fibra óptica. Presente em quase 370 cidades, é uma das maiores companhias do segmento, com mais de 1,3 milhão de clientes.

Fontes: Brisanet | Elaboração: Suno Asset

TERMINAL PORTUÁRIO DE SANTA CATARINA (TESC)

DADOS: 2T25



Ticker: CJEN13

Setor: Portos

Carrego de aquisição: CDI + 2,62%

Duration: 5,1 anos

Rating: A+ (Fitch)

Exposição: 7,3%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 58,8 mi

EBITDA anualizado: R$ 99,8 mi

Dívida Líquida: R$ 366 mi

DL/EBITDA anualizado: 3,67x

DADOS OPERACIONAIS

Volume: 422 mil ton

Comentário da Gestão

A Tesc – Terminal de Santa Catarina é um terminal portuário localizado no complexo de São Francisco do Sul (SC), com concessão iniciada em 1996 e renovada em 2017 até 2046. É ponto estratégico de interligação dos modais ferroviário e rodoviário para importação e exportação de componentes siderúrgicos, granéis sólidos, carga geral e carga de projeto. Devido à localização, é importante ponto de escoamento da produção agropecuária nacional para os mercados asiático e europeu.

Fontes: AgriBrasil | Elaboração: Suno Asset

IGUÁ RIO

DADOS: 2T25



Ticker: IRJS14

Setor: Saneamento

Carrego de aquisição: CDI + 1,83%

Duration: 7,6 anos

Rating: AAA (S&P)

Exposição: 3,5%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 406,5 mi

EBITDA: R$ 166 mi

Dívida Líquida: R$ 8 bi

DL/EBITDA: 12x

DADOS OPERACIONAIS

Economias Faturadas: 701,5 mil

Volume Faturado: 38,4 mi m³

Índices de perdas: 13,8 mil boe/d

Vencimento: 2057

Comentário da Gestão

A Iguá Rio pertence ao grupo Iguá Saneamento e é responsável pela concessão de saneamento na cidade do Rio de Janeiro, nas regiões da Barra e Jacarepaguá. Cerca de 1,2 milhões de pessoas podem ser beneficiadas com os serviços da empresa, a partir de um contrato de concessão de 35 anos de prazo.

Fontes: Enauta | Elaboração: Suno Asset

HOLDING DO ARAGUIA

DADOS: 2T25



Ticker: HARG11

Setor: Rodovias

Carrego de aquisição: CDI + 2,37%

Duration: 5,6 anos

Rating: AAA (S&P)

Exposição: 2,6%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 370,6 mi

EBITDA Ajutado: R$ 173,9 mi

Dívida Líquida: R$ 2.485,1 mi

DL/EBITDA Anualizado: 7,15x

DADOS OPERACIONAIS

Fluxo: 20.284 mil pagantes

Tarifa média: R$ 10,65

Capex: R$ 177,8 mi

Comentário da Gestão

A Holding do Araguaia é uma subsidiária da Ecorodovias, e tem por objetivo explorar a concessão rodoviária de três trechos nas BRs-153, 080 e 414, nos estados do Tocantins e Goiás. A extensão total é de 850 km sob concessão. Sua atuação consiste na duplicação de vias, recuperação e manutenção do pavimento, além de obras e melhorias de segurança para as rodovias.

Fontes: Ecorodovias | Elaboração: Suno Asset

NORTE ENERGIA

DADOS: 2T25



Ticker: NTEN11

Setor: Energia Elétrica

Carrego de aquisição: CDI + 2,19%

Duration: 2,3 anos

Rating: A (Fitch)

Exposição: 3,5%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 5,73 bi

EBITDA: R$ 2,75 bi

Dívida Líquida: R$ 27,8 bi

DL/EBITDA Anualizado: 10,1x

DADOS OPERACIONAIS

Garantia Física: 4.571 MW

Energia Gerada: 2.659 GWm

Energia Contratada: 80% via PPA

Fim da Concessão: 2045

Comentário da Gestão

A Norte Energia é a operadora privada que detém a concessão da Usina Hidrelétrica Belo Monte, a 5ª maior hidrelétrica do mundo e a maior 100% nacional. A usina tem capacidade instalada de 11.233,1 MW e Garantia Física Total de 4.571 MWm, podendo atender a demanda de 60 milhões de brasileiros, sendo responsável por gerar até 10% da energia brasileira.

Fontes: Norte Energia S.A. | Elaboração: Suno Asset

ROTA DOS GRÃOS

DADOS: 2024



Ticker: RGRA11

Setor: Rodovias

Carrego de aquisição: CDI + 2,63%

Duration: 7,1 anos

Rating: A+ (Moody's)

Exposição: 5,2%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 45,7 mi

EBITDA: R$ 15,5 mi

Dívida Líquida: R$ 81 mi

DL/EBITDA Anualizado: 5,2x

Trecho sob concessão: 140,6 km

Tarifa: R$ 10,4

Capex: R$19,32 mi

Comentário da Gestão

A Rota dos Grãos é a concessionária que opera o trecho de 140,6 km da rodovia entre Primavera do Leste e Paranatinga, no estado de Mato Grosso. A via é uma importante rota de escoamento da produção agropecuária do estado. Com operação e pedagiamento iniciados em 2022, a atuação da concessão consiste na duplicação de vias, recuperação e manutenção do pavimento, além de obras e melhorias de segurança para a rodovia.

Fontes: Rota dos Grãos | Elaboração: Suno Asset

UTE GNA I

DADOS: 2T25



Ticker: UNEG11

Setor: Energia Elétrica

Carrego de aquisição: CDI + 2,83%

Duration: 7 anos

Rating: A (S&P)

Exposição: 4,7%

DADOS FINANCEIROS

Receita Líquida: R$ 287,8 mi

EBITDA: R$ 146,7 mi

Disponibilidade da usina: 97%

DADOS OPERACIONAIS

Capacidade Instalada: 1.3 GW

Energia Gerada: 357 GW med

Fim do PPA: 2044

Comentário da Gestão

A UTE GNA I é uma usina termelétrica localizada no município de São João da Barra, no Rio de Janeiro. É composta por três turbinas a gás e uma turbina a vapor que, juntas, são responsáveis por gerar 1,3 GW em ciclo combinado. A GNA é uma joint venture entre a Prumo Logística, bp, Siemens e SPIC Brasil, dedicada ao desenvolvimento, implantação e operação de projetos sustentáveis de energia e gás no país.

Fontes: GNA | Elaboração: Suno Asset

SUNO (ASSET)

SNID11

CONHEÇA TODOS OS NOSSOS FUNDOS DE INVESTIMENTO

SNAG11 — Primeiro Fiagro-Híbrido da bolsa brasileira, lançado ao mercado em agosto de 2022. Investe em terras logísticas voltadas ao agronegócio e ativos de crédito para o setor.

SNFF11 — Fundo de Fundos que investe em mais de 30 outros FIIs da bolsa e em centenas de ativos imobiliários por todo o país. Uma maneira descomplicada de aplicar no setor.

SNCI11 — Fundo de Papel de risco moderado. Sua principal característica é entregar retornos consistentes aos cotistas, com rendimentos comparados a fundos de alto risco.

SNEL11 — Primeiro FII de Energias Limpas da bolsa brasileira. Atualmente está em período de *lock-up* de cotas. A previsão da liberação de negociação é para dezembro de 2023.

SNLG11 — Fundo Imobiliário de Tijolo que está em processo de reestruturação. Em seu portfólio há imóveis alugados para empresas como Ambev, Ceratti, Itambé e Volkswagen.

SUNO FIC FIA — Fundo de Investimento em Ações que utiliza como referência as carteiras recomendadas da Suno Research. Exposição em ativos de Valor, Dividendos, Small Caps e Internacional.

SUNO PREV — Fundo de Previdência Privada que investe em ações, com exposição muito similar ao SUNO FIC FIA. Conta com os benefícios tributários de uma Previdência, investindo em ações.

SUNO GLOBAL EQUITIES — Fundo de Investimento em Ações, com exposição em ações globais listadas no Brasil ou nas bolsas dos EUA. Investe nas maiores empresas do mundo.

SNME11 — FII Multiestratégia da Suno Asset. Fundo com locação multidimensional, o que elimina o esforço do cotista. Uma forma de buscar a simplificação máxima da estratégia imobiliária.

LIVE MENSAL

Acesse o formulário e envie suas dúvidas a respeito do nosso fundo para serem respondidas em *lives* mensais no canal da Suno Asset no Youtube.

Enviar dúvidas

Não deixe de nos acompanhar nas redes sociais!

SNID11

SUNO INFRA DEBÊNTURES FI EM COTAS DE FUNDOS INCENTIVADOS DE INVESTIMENTO EM INFRA RENDA FIXA CP

Aviso/Disclaimer:

"Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. É recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e do regulamento do fundo de investimento pelo investidor ao aplicar seus recursos. Os investidores devem estar preparados para aceitar os riscos inerentes aos diversos mercados em que os fundos de investimento atuam e, consequentemente, possíveis variações no patrimônio investido. O Administrador não se responsabiliza por erros ou omissões neste material, bem como pelo uso das informações nele contidas. Adicionalmente, o Administrador não se responsabiliza por decisões dos investidores acerca do tema contido neste material nem por ato ou fato de profissionais e especialistas por ele consultados.

Este material não tem relação com objetivos específicos de investimentos, situação financeira ou necessidade particular de qualquer destinatário específico, não devendo servir como única fonte de informações no processo decisório do investidor, que, antes de decidir, deverá realizar, preferencialmente com a ajuda de um profissional devidamente qualificado, uma avaliação minuciosa do produto e respectivos riscos face a seus objetivos pessoais e a sua tolerância ao risco (Suitability)."